

POR DANIEL ROME LEVINE

À procura de **Marita**

Susana Trimarco se lançou em uma busca desesperada pela filha desaparecida.

E acabou encontrando o terrível submundo do tráfico de pessoas e da prostituição forçada.

Pouco antes da meia-noite de um sábado de novembro de 2002, uma amiga deixava Susana Trimarco perto de um bar, num dos bairros mais perigosos de Tucumán, na Argentina. “Se eu não sair em uma hora, chame a polícia”, pediu Susana à amiga.

Quando a jovem avó de 48 anos – vestida com minissaia de couro, meia fina preta, botas de salto alto e uma blusa justa, decotada – se aproximou

do bar, notou que as janelas tinham grades de ferro. Aquele não era um bar comum. Na verdade, tratava-se de um bordel onde, ela ouvira dizer, meninas raptadas eram obrigadas a trabalhar como prostitutas. “Vim ver o dono”, disse Susana ao homem que estava na entrada. “Temos um encontro.”

Ele a deixou passar. Quando os olhos dela se ajustaram à penumbra, Susana viu quatro meninas assustadas senta-

das na sala pouco decorada. Usando biquíni e botas que chegavam à altura dos joelhos, pareciam estar no fim da adolescência. Ali perto, um homem forte mantinha os olhos grudados nelas. Susana viu o que parecia ser o contorno de um revólver por baixo da camisa.

Ela encontrou o proprietário. Depois de uma conversa informal, disse que estava montando o próprio pros-

dade de 1,3 milhão de habitantes, cerca de 1.300 quilômetros a noroeste de Buenos Aires, ela e a filha de 3 anos, Micaela, haviam passado a noite na casa de Susana. Visitavam-na com tanta frequência que aquele era como seu segundo lar.

Com o correr do dia, Susana e o marido, Daniel Verón, ficavam cada vez mais preocupados, porque Marita não havia telefonado, o que geralmente

Disfarçada de prostituta, Susana ia até bares suspeitos para perguntar às garotas se elas haviam visto Marita ou ouvido algo sobre ela.

tíbulo e que procurava meninas. O dono afirmou que não podia ajudar, mas deu a Susana o nome de vários donos de “bares” em La Rioja, cidade de 295 mil habitantes a cerca de 400 quilômetros de Tucumán, onde ela poderia achar o que queria.

Mais tarde, quando se reencontrou com a amiga, Susana estava mais determinada do que nunca: na verdade, fora ao bar em busca da filha desaparecida, María de los Ángeles Verón, de 23 anos. A história que contou, de que procurava prostitutas, era um disfarce.

O pesadelo de Susana começou em 3 de abril de 2002, quando Marita, como todos a chamavam, não voltou para casa depois de uma consulta médica pela manhã. Embora Marita tivesse seu próprio apartamento em Tucumán, ci-

fazia quando se atrasava. À tarde, depois de procurarem a filha na clínica onde tivera a consulta e percorrerem o bairro onde ela morava, fazendo perguntas às pessoas, foram à delegacia comunicar o desaparecimento.

“Vocês vão ter de esperar 72 horas para que possamos iniciar a investigação”, avisou o policial, com indiferença. “Ela deve ter saído com um namorado e vai estar de volta em um ou dois dias.”

Inconformados, Susana e Daniel organizaram um grupo de busca. Com cerca de 50 parentes e amigos de Marita, espalharam por Tucumán cartazes com uma fotografia dela e telefones.

Três dias depois, Susana limpava a cozinha quando ouviu batidas à porta. Era uma vizinha que acabara de receber um telefonema anônimo de um homem que alegava ter visto Marita.

- O que ele disse? - perguntou Susana, aflita.

- Que um Fiat Duna vermelho com vidros fumê parou ao lado de Marita quando ela andava na calçada - respondeu a vizinha. - Dois homens saltaram do carro e a agarraram. Ela tentou fugir, mas eles bateram nela e a jogaram no banco traseiro.

As notícias só pioravam. Três dias depois, Daniel estava distribuindo cartazes no parque principal da cidade, local notório de prostituição, quando uma menina disse a ele ter visto Marita num bordel de La Rioja.

A polícia não seguiu a pista. Só depois de muita insistência de Susana e Daniel, é que os policiais passaram a agir. No começo de maio de 2002, o casal acompanhou dez homens na batida de um bar em La Rioja, onde se suspeitava que Marita estivesse sendo mantida. As meninas que se achavam

ali fizeram uma fila, e Daniel lhes disse: "Se estiverem aqui contra a vontade, dêem um passo à frente e libertaremos vocês." Depois de longa pausa, uma menina olhou nervosamente para os lados e deu um passo adiante. Mais tarde, disse a Susana e Daniel que Marita havia sido levada dali pouco antes de eles chegarem com a polícia. Era óbvio que alguém tinha informado os donos do prostíbulo sobre a ação policial. Seguiram-se outras batidas, que não deram em nada. Susana entendeu que, se quisesse achar a filha, teria de agir por conta própria. "Se não procurarmos Marita nós mesmos, ninguém vai trazê-la de volta", disse a Daniel.

Em dezembro de 2002, Susana largou o emprego num município vizinho e começou a percorrer o país de ônibus, à procura de respostas. Com frequência disfarçada de prostituta, entrava em bares, como o de Tucumán,

Marita e sua filha, Micaela, passavam tanto tempo na casa de Susana que aquele era o segundo lar das duas.





Susana e a neta Micaela, de 9 anos, em outubro de 2007, durante a abertura da fundação que leva o nome de Marita, para ajudar as vítimas do tráfico sexual.

e conversava com as meninas para descobrir se elas haviam visto Marita, ou se sabiam algo de seu paradeiro. Também mostrava fotografias da filha às prostitutas de rua.

Para pagar pela investigação, Susana gastou suas economias e vendeu a própria casa, a casa de Marita e dois carros. Sua obsessão também resultou em divórcio: ela e Daniel se separaram. Como Marita fora vista pela última vez em La Rioja, Susana concentrou ali seus esforços. Mas a polícia local parecia decidida a atrapalhá-la. Volta e meia, o ônibus que ela pegava para ir à cidade era parado pela polícia, que entrava no veículo com cães latindo. “A senhora é a mãe de Marita Verón?”, perguntavam. “O que está fazendo aqui?”

Susana não se deixou abalar e, com o transcorrer do ano, sua busca começou a receber cobertura da imprensa. Diversas estações de rádio de Tucumán, incitadas pelos cartazes de Ma-

rita, entrevistaram Susana. Pressionada pela mídia, a polícia passou a fazer batidas em bares e prostíbulos.

Os traficantes e os donos das casas, ao verem o cerco se fechar, começaram um movimento de retaliação para intimidar Susana. Em novembro de 2003, ela estava conversando com uma amiga na frente de sua modesta casa, quando notou um carro com vidros fumê avançando em sua direção. Em vez de fugir, saiu correndo atrás do carro, gritando: “Não tenho medo de vocês!” Susana também passou a receber ameaças por telefone e correio eletrônico. “A próxima mensagem que vou mandar é uma bala na sua cabeça”, dizia um dos *e-mails*. Por fim, depois de outras duas tentativas de atropelamento, sua casa foi posta sob proteção policial 24 horas por dia.

Com o aumento das batidas policiais, cada vez mais meninas prisioneiras se

apresentavam. E Susana, que com frequência acompanhava a polícia, começou a aprender sobre o submundo do tráfico sexual.

Andrea Darrosa fugiu de um prostíbulo de La Rioja em maio de 2003. Depois de ouvir falar da investigação de Susana, lembrou-se de ter visto Marita. Foi à polícia, que marcou um encontro entre as duas.

Andrea contou que havia passado oito anos num verdadeiro inferno, submetida a abusos físicos e psicológicos. Obrigada a consumir cocaína e outras drogas, era espancada até ceder. Testemunhou meninas grávidas fazendo

noite, não rezava apenas pela volta da filha, mas dizia: “Prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ajudar essas meninas.”

A crescente cobertura jornalística dos esforços de Susana obrigou a sociedade argentina a encarar a questão – havia muito tempo ignorada – do tráfico sexual e da corrupção policial que o facilitava. Estabelecendo uma rede cada vez maior de mães de filhas desaparecidas, ela conduziu mais de 200 manifestantes às ruas de La Rioja, em abril de 2005, para exigir ação mais efetiva do governo.

Susana começou a receber ameaças por e-mail. “A próxima mensagem que vou enviar será uma bala na sua cabeça”, era uma delas.

aborto com um cabide. Uma vez, viu o dono do prostíbulo matar uma menina quebrando-lhe o pescoço.

Andrea perguntou a Susana se podia ficar com ela. “Esta casa é sua, e vou cuidar de você”, disse Susana. “Não vou deixar que ninguém mais lhe faça mal.” Ela também conseguiu que Andrea recebesse tratamento psicológico.

Outras meninas libertadas contaram a Susana histórias igualmente terríveis. Muitas haviam sido atraídas por anúncios de trabalho como modelo ou atriz, outras eram raptadas na rua.

Susana via um pouco de Marita em cada uma delas. Quando se deitava, à

Sua cruzada começou a atrair a atenção de toda a América Latina. Em julho de 2005, a *Paula*, revista feminina chilena, chamou Susana de “ícone” na luta contra o tráfico humano.

Mães de toda a Argentina, cujas filhas haviam sido raptadas, agora telefonavam para Susana, e não para a polícia, em busca de socorro. Ela atendia a todas e fazia o que podia.

Em 12 de março de 2006, Jessica Cavativa, 20 anos, foi raptada perto de casa, em Tucumán, e jogada num carro. Em desespero, a mãe procurou Susana. A polícia, sabendo que Susana telefonaria para seus contatos na imprensa e

no governo se não estivesse satisfeita com a investigação, agiu rápido quando solicitada. Em poucas horas, os homens saíram pela cidade à procura de Jessica, espalhando a advertência de que quem a tivesse raptado deveria libertá-la. Deu resultado: os captores de Jessica a soltaram dois dias depois.

Ao todo, mais de 200 meninas que eram obrigadas a exercer a prostituição devem sua liberdade a Susana, seja como resultado direto de suas ações nos bordéis, seja pela pressão imposta aos traficantes. Além de ajudar as vítimas e suas famílias, Susana viaja pelo país tentando convencer políticos a decretar uma lei que tornaria o tráfico humano crime federal.

Susana estava em casa, no início de março de 2007, quando recebeu um telefonema da Embaixada Americana em Buenos Aires: ela era uma das dez mulheres escolhidas para receber o Prêmio Internacional Mulheres de Coragem.

Em 7 de março, Susana estava no Departamento de Estado, em Washington. “Sua luta corajosa me dá orgulho de ser mulher”, disse a secretária de Estado americana Condoleezza Rice. “Que seus gritos sejam ouvidos por toda a América Latina e por todo o mundo.” Eugenio Ambrosi, diretor da Organização Internacional de Migra-

ções (OIM), concorda com a importância dos feitos de Susana. “Ela correu perigo ao salvar tantas pessoas e denunciar a extensão do problema do tráfico humano na Argentina.”

Segundo a OIM, aproximadamente 500 mulheres desapareceram na Argentina em 2006. Suspeita-se que a maioria tenha sido raptada ou seduzida por propostas enganosas de traficantes. Muitas são obrigadas a trabalhar em casas de prostituição da América Latina, outras são mandadas para a Europa e para a América do Norte.

Depois do Prêmio Mulheres de Coragem, o prefeito de Tucumán se ofereceu para ajudar Susana. Ela pediu que ele criasse uma força policial dedicada à investigação desses crimes. Desde julho de 2007, a unidade já investigou 110 casos e salvou 15 meninas.

“Minha missão não é só procurar a Marita”, observa Susana, “mas todas as meninas que desapareceram no país, e ajudar a proteger as que foram libertadas.”

Em outubro de 2007, Susana inaugurou a Fundación María de los Ángeles por la Lucha Contra la Trata de Personas, em Tucumán e Buenos Aires. A fundação ajuda as vítimas do tráfico sexual a receber atendimento médico e psicológico, além de oferecer treinamento profissional, abrigo e alimentação.

FAZ SENTIDO

“A prova de que o balé dá sono na platéia é que os artistas entram sempre na ponta dos pés.” *Max Nunes* no livro *Uma pulga na camisola*, Cia das Letras



A beleza abre portas, o talento as mantém abertas.

Marcos Paulo na Playboy

Quando o mercado está em alta,
todo investidor é um gênio. *Mark Cuban*

Em todas as festas, há dois tipos de
pessoas: as que querem voltar para casa
e as que não querem. O problema é que
estas geralmente são casadas umas
com as outras. *Ann Landers*

Uma casa não é o mesmo que um lar.

Burt Bacharach

Armar o casamento dá muito trabalho, é
como montar uma peça de teatro, com a
diferença de que nesta peça você fica um
dia só em cartaz.

Ingrid Guimarães na Isto é Gente

É como mágica. Quando
você mora sozinho, seus
hábitos irritantes somem.

Merrill Markoe

O difícil é se manter interes-
sante e interessado, curioso com a vida.

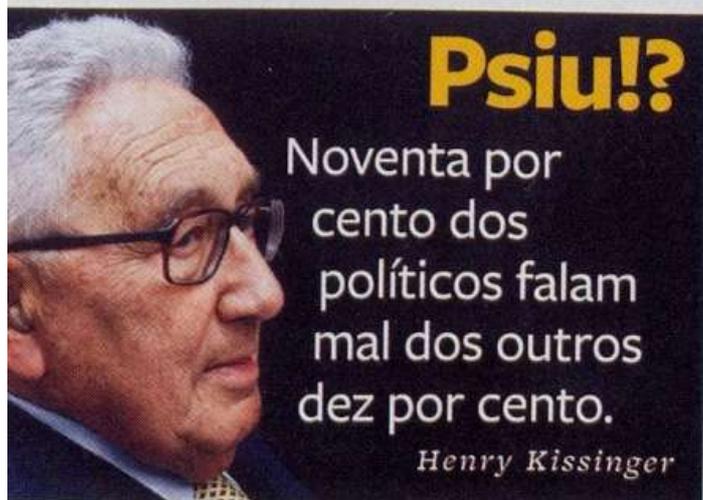
Cláudia Abreu

O problema de comer comida italiana é que, cinco ou seis dias depois, a gente fica com fome de novo.

George Miller

Nada mais sensual do que a felicidade.

Giovanna Antonelli, na VIP



Psiiu!?

Noventa por
cento dos
políticos falam
mal dos outros
dez por cento.

Henry Kissinger



**MAIS
UMA**

Vivemos a era da evasão de privacidade.
Invasão é coisa do passado. Hoje esse
desvendamento é consentido.

Walter Salles na TPM



Pagamos até R\$ 50 por frases de brasileiros
famosos vivos (página 154).